

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIA DAS GRAÇAS LEAL FREIRE**

**O DESAFIO DE ENSINAR E APRENDER NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL:** uma visão da prática docente observada  
durante o Estágio Supervisionado

João Pessoa –PB

2014

**MARIA DAS GRAÇAS LEAL FREIRE**

**O DESAFIO DE ENSINAR E APRENDER NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:** uma visão da prática docente observada durante o Estágio Supervisionado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Graduação na Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

João Pessoa – PB

2014

# MARIA DAS GRAÇAS LEAL FREIRE

## **O DESAFIO DE ENSINAR E APRENDER NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:** uma visão da prática docente observada durante o Estágio Supervisionado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Isolda Ayres Viana Ramos.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup> Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria da Glória Dutra Escarião

Examinadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria das Graças de Almeida Baptista

Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, ao meu Senhor Jesus Cristo, por ser criador de todas as dádivas e uma constante fonte de inspiração no percurso da minha vida.

A minha irmã Maria de Lourdes Freire de Albuquerque, por ter sempre me incentivado e apoiado nessa caminhada acadêmica.

Aos meus filhos, Sérgio Ricardo, Roberto Junior, Carlos Fabio, Roberta Patrícia e Andressa Geovanna, por me apoiarem o tempo todo.

A minha Orientadora, Prof<sup>a</sup> Isolda Ayres Viana Ramos, por ter contribuído com muita paciência, amor e dedicação para a meu sucesso no Curso.

A minha colega Maria da Guia de Araújo Lima, por ter me incentivado, de forma direta e indireta, a recomeçar.

A todos os Professores da Graduação, por toda sabedoria transmitida e compartilhada para a minha formação como pedagoga.

Aos meus colegas de classe, por todas as trocas de conhecimentos e debates realizados nos diversos espaços dentro da Universidade.

Enfim, um agradecimento todo especial aos que fazem a Escola de Ensino Fundamental e Médio Maria de Fátima Souto, no Bairro de Mangabeira I, na cidade de João Pessoa, por ter aberto as portas para a realização do meu estágio e para a coleta dos dados da minha pesquisa.

*Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.*

Freire, 1996

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O DESAFIO DE ENSINAR E APRENDER NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: uma visão da prática docente observada durante o Estágio Supervisionado”, buscou fazer uma análise da prática docente das professoras observadas, isto é, perceber como as professoras lidam com o processo de ensino e de aprendizagem de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, numa escola da rede pública, em salas de 2º e 4º anos. O trabalho enfocou a importância do estágio curricular nos Cursos de Licenciatura, vivenciado na disciplina de Estágio Supervisionado, que tem como objetivo, proporcionar ao aluno a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades, assim como as concepções de ensinar e aprender, pois é através delas que o trabalho é desenvolvido. Em seguida, fez-se uma abordagem da legislação vigente, com relação ao ensino fundamental de 9 anos, enfatizando o papel e a importância do currículo para a formação dos alunos, pontuando, também, a relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento. E, finalmente, para encerrar a parte teórica, enfatizou-se a formação do professor. Foram consultados autores, como: Freire (1996), Freitas (2004), Pimenta (2001), Lima (2005) e Gatti (2008), entre outros. Na análise dos dados, que foram coletados através da observação e da entrevista, ficou demonstrado que houve um distanciamento entre a teoria e a prática docente vivenciada pelas professoras. Também ressaltou-se a importância do envolvimento dos alunos nas aulas, sendo necessário, para tal, torná-las atrativas para que, através da motivação, a aprendizagem aconteça de fato.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Prática docente. Ensinar. Aprender.

# SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>5</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR NOS CURSOS DE LICENCIATURA</b>	<b>9</b>
2.1. CONCEPÇÕES DE ENSINAR E DE APRENDER	11
2.2. O ENSINO FUNDAMENTAL, O ALUNO E A APRENDIZAGEM	13
2.2.1 As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental	16
2.2.2 O Currículo como instrumento de formação humana	18
2.2.3. A relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento	19
2.3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A PRÁTICA DOCENTE	25
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>29</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>39</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O DESAFIO DE ENSINAR E APRENDER NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: uma visão da prática docente observada durante o Estágio Supervisionado”, surgiu das inquietações vividas durante as visitas às escolas em cumprimento à carga horária prática da disciplina de Estágio Supervisionado, principalmente o III, e o IV. Analisar a prática docente, isto é, perceber como as professoras lidam com o processo de ensino e de aprendizagem de crianças, constitui uma tarefa por demais complexa, visto que ensinar algo envolve tanto o conteúdo já estabelecido pelo sistema de ensino, como fazer com que o aluno se desenvolva em suas áreas física, cognitiva, social, entre outras.

O campo de estágio que forneceu os dados para análise, foi uma escola da rede pública, em salas de 2º e 4º anos do Ensino Fundamental. Na realidade, o estágio é um espaço onde poderia ser verificado o confronto entre a teoria e a prática, mas percebe-se que ele não passa de uma simples observação de uma sala de aula, ocasião em que pouco se faz sobre a vinculação do que se observa, com as disciplinas do Curso de Pedagogia, muitas vezes não oferecendo oportunidades de intervenção, nem de pesquisa.

Neste trabalho, o que foi levantado como problema a ser investigado, foi: por que o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental tem uma prática que não consegue fazer o aluno aprender o que lhe é ensinado? Que prática é essa que não contribui para o aluno aprender? Normalmente, o que era presenciado no campo de estágio, era uma rotina desinteressante dos assuntos trabalhados em sala de aula, apresentados de forma descontextualizada e desinteressante para toda a turma. Mas o mais preocupante era perceber que mesmo o aluno não aprendendo, os assuntos iam sendo dados de forma mecânica, levando-o a uma aprovação igualmente mecânica no final do ano.

Portanto, o principal objetivo deste trabalho foi o de compreender a concepção de ensino e de aprendizagem demonstrada através da prática docente de duas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública que serviu de campo de estágio para os alunos do Curso de Pedagogia. Como objetivos específicos, foram propostos: analisar as circunstâncias que cercam a prática docente dessas professoras observadas, proceder levantamento de material bibliográfico para dar suporte e fundamentação teórica ao trabalho, coletar e analisar dados referentes à prática observada, fazer a análise dos mesmos e propor alternativas para minimizar a situação encontrada durante os trabalhos de observação, participação e regência.

Assim, esse trabalho refletiu o confronto entre a teoria e a prática, assim como destacou a importância de um pensar e compreender o processo de ensino e o de aprendizagem frente ao que foi observado durante os estágios curriculares. O tema foi teorizado, partindo das concepções de ensino, de aprendizagem, de prática docente, de escola pública, apontando caminhos possíveis para reverter a situação encontrada, isto é, professores que ensinam, alunos que não aprendem, mas que são aprovados.

Este trabalho está estruturado com os seguintes tópicos: o primeiro discute a importância do estágio curricular para os cursos de Licenciatura, o segundo, aborda, brevemente, as concepções de ensinar e de aprender, o terceiro, aponta a legislação que disciplina os anos iniciais do Ensino Fundamental, o quarto fala sobre o currículo e sua importância na formação humana, o quinto discorre sobre a relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento e, por fim, sobre a formação do professor e a prática docente. Segue, então, com a análise dos resultados e com as considerações finais.

## **2 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR PARA OS CURSOS DE LICENCIATURA**

A experiência do estágio supervisionado é essencial para a formação integral do aluno que está cursando uma licenciatura, considerando que o mercado de trabalho está a exigir cada vez mais que os profissionais estejam não só habilitados, mas também preparados para lidar com eficiência no local do seu trabalho. Na Universidade, o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil fazer o encadeamento da teoria e prática se o estudante não tiver a oportunidade de vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano.

A formação docente é algo complexo, pois envolve dificuldades e potencialidades que surgem devido ao constante movimento de transformação nas diversas áreas da sociedade e os cursos de licenciatura não conseguem acompanhá-lo de maneira efetiva. A legislação que disciplina a formação docente, quais sejam: Resolução CNE/CP nº 1/2002 e a Resolução CNE/CP nº 2/2002 fixam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em Nível Superior, e consideram novas formas de orientação inerentes à formação docente, direcionando o preparo do professor para que o ensino vise a aprendizagem do aluno; que seja dado acolhimento e trato da diversidade; que haja a adoção de práticas investigativas; assim como o uso das novas tecnologias e de metodologias, procedimentos e materiais de apoio, terminando com o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

Aqui pode-se observar que o estágio supervisionado tem que ter um novo direcionamento, visto que ele atualmente é desenvolvido sem qualquer vinculação com os Cursos de Formação de Professores e, segundo Buriolla (2008), o estágio supervisionado é o espaço onde o aluno não apenas observa mas treina o seu papel de futuro profissional. Assim, no caso do Curso de

Pedagogia, a disciplina Estágio Supervisionado proporciona uma experiência em que se tira a prova de que se escolheu bem ou não este Curso. Desde o quarto semestre, após cursar as disciplinas com base teórica, depara-se então com a disciplina que coloca o aluno em situações práticas que o permite encontrar respostas teóricas para o que está sendo observado nas escolas-campo. Inicia-se com o estágio em Gestão, em seguida passa-se para o estágio em Educação Infantil, depois em Ensino Fundamental e, por fim, em Educação de Jovens e Adultos ou em Educação Especial. Para quem já está atuando como professor, esta é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Além de ser um importante instrumento de integração entre Universidade, escola e comunidade.

O Estágio Supervisionado é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 nos cursos de formação docente. É uma atividade obrigatória que deve ser realizada pelos alunos de cursos de Licenciatura e deve cumprir uma carga horária pré-estabelecida pela instituição de Ensino, qual seja, a Universidade Federal da Paraíba. Esta prática é, para muitos discentes, o primeiro contato que o futuro professor terá com seu futuro campo de atuação. Por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando estaria se capacitando a construir futuras ações pedagógicas.

O objetivo do Estágio Supervisionado é proporcionar ao aluno a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades. Espera-se, com isso, que o aluno tenha a opção de incorporar atitudes práticas e adquirir uma visão crítica de sua área de atuação profissional.

É nesse campo que o aluno-estagiário desenvolve as atividades sugeridas pelo professor de disciplina Estágio Supervisionado e começa a planejar ações pedagógicas ao inquietar-se com o que presencia. Essa inquietação poderá resultar em projetos de intervenção pedagógica, quer seja como aulas a serem ministradas, quer como oficinas pedagógicas. Como se sabe, as atividades a serem desenvolvidas nesta disciplina, inicia-se com uma

etapa de observação para entender o processo de ensino e de aprendizagem, seguido da etapa de participação, ocasião em que pode-se colaborar com a professora regente, por meio de auxílio nas tarefas da sala, ajudar na aplicação de atividades, acompanhamento em eventos da escola e, por fim, a última etapa, a regência, ocasião em que o estagiário assume a classe por uma ou duas aulas, no lugar do professor titular. Para isto, o estagiário elabora os planos de aula a serem ministradas e prepara todo o material necessário, sempre com o aval do professor de Estágio Supervisionado.

O Estágio Supervisionado é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 nos cursos de formação docente. É uma atividade obrigatória que deve ser realizada pelos alunos de cursos de Licenciatura e deve cumprir uma carga horária pré-estabelecida pela instituição de Ensino, qual seja, a Universidade Federal da Paraíba. Esta prática é, para muitos discentes, o primeiro contato que o futuro professor terá com seu futuro campo de atuação. Por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando estaria se capacitando a construir futuras ações pedagógicas.

## 2.1 CONCEPÇÕES DE ENSINAR E APRENDER

Quando se está diante de uma análise da atuação de professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, necessita-se do entendimento do trabalho educativo, onde, segundo Saviani (1995, p. 17) “é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Deduz-se, assim, que quando o indivíduo aprende o que lhe é ensinado, ele incorpora os elementos culturais que o forma ser humano. Sendo uma atividade intencional, quem é responsável para tal, não pode deixar de refletir sobre o que irá fazer em sala de aula, pois seu objetivo fundamental é concorrer para construção da humanidade dos alunos.

No decorrer da história da educação formal dada na escola, várias concepções de ensino permeiam esse contexto. A começar pela prática de ensinar sem a preocupação de usar o conhecimento adquirido no dia a dia, quando o foco do processo se fixava unicamente na ação do professor. A concepção de que só o professor sabia e os alunos recebiam os conteúdos para prender de forma memorizada foi recorrente até o advento denominado Escola Nova que colocou como centro do processo educativo o aluno e o ato de "aprender a aprender".

Atualmente, alguns teóricos com base nos trabalhos de Piaget valorizam a aprendizagem através da maturação biológica, mas as ações educativas dos professores estão distantes da concretização de tal entendimento do que seja ensinar nessa perspectiva. Principalmente no que se refere às contribuições de Vigotsky, quando diz que o bom ensino é aquele que se caracteriza por trabalhar à frente do nível de desenvolvimento em que o aluno se encontra. Esse nível de desenvolvimento é baseado por aquilo que o aluno consegue fazer de maneira autônoma, faltando buscar aquilo que ele consegue realizar com a ajuda do professor. São essas as teorias psicológicas que respaldam as concepções pedagógicas que valorizam as aprendizagens que o aluno sozinho ou com ajuda das pessoas ou crianças mais velhas que possam favorecer sua aprendizagem.

As professoras observadas durante os estágios demonstravam que seus estudos durante sua formação, não conseguiram fazê-las entender que aprender a aprender significa realizar aprendizagens num contexto de situações proporcionadas pelo professor, isto é, criando situações capazes de suscitar problemas úteis ao aluno, em vez de transmitir soluções prontas. O que teoricamente isso quer dizer, está nos estudos de Vigotsky (2000), quando aponta o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (DZP), para determinar o momento em que a aprendizagem se efetiva: quando o aluno resolve problemas que vão além do que já sabe, com a ajuda do professor.

Ensinar exige, nessa perspectiva, que o professor esteja atento a tudo que se passa na sala de aula, notadamente no que se refere a selecionar os conteúdos e os procedimentos didático-pedagógicos que favoreçam a aprendizagem.

## 2.2 O ENSINO FUNDAMENTAL, O ALUNO E A APRENDIZAGEM

A sociedade vive em constante movimento. Mudam-se práticas consolidadas nos mais variados setores. Na educação, sobretudo, houve mudanças profundas a partir da implantação da Educação Infantil e do acolhimento de alunos fora da faixa etária com a Educação de Jovens e Adultos. É importante destacar que houve uma modificação na estrutura do Ensino Fundamental com as alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a de nº 9.394/96, pelas leis nº 11.114/2005 e 11.274/2006, mudando a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos, com matrícula de crianças a partir dos 6 anos de idade, exigindo que os professores sejam devidamente capacitados para atuar nessa faixa etária. Freire (1996, p.116) diz que:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica.

Isso quer dizer que não basta ao professor ter domínio dos conteúdos para ensinar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas é necessário contextualizá-los, problematizá-los para que a prática docente não se resume ao cumprimento do que está escrito no plano de aula, mas para que o conhecimento seja efetivamente construído por essas crianças tão pequenas. Daí é que surgem dois desafios para os professores, que são: reinventar a escola como local de trabalho e reinventar-se como professores (FREITAS,

2002), deixando definitivamente para trás toda postura tradicional, avançando para uma mudança das suas práticas em sala de aula.

O espaço de atuação do professor, revelado pelas visitas realizadas durante os estágios supervisionados, a escola, tem a função exclusiva de possibilitar à criança a aquisição dos conhecimentos científicos sistematizados ao longo da história, bem como contribuir para o desenvolvimento de capacidades e competências levando-a à produção de novos saberes que a ajude a compreender o mundo em que vive.

É importante e necessário, pois, conhecer os desafios de ensinar e de aprender nesse espaço, principalmente se ele for visto como uma possibilidade de colaborar com uma formação crítica e consciente, voltada para a transformação social. E para subsidiar os estudos teóricos, foram resgatados os textos estudados e discutidos amplamente nas aulas, sobretudo os teóricos Piaget (1976) e Freire (1996), que mostram que o conhecimento acontece na interação entre o sujeito e o objeto a ser conhecido tendo o professor como mediador desse processo.

É neste sentido, que o professor necessita compreender a sua prática docente, considerando o aluno como um sujeito único, integral e concreto, historicamente situado, que possui a partir da sua história de vida, uma bagagem cultural construída não sozinho, mas na interação com o meio em que está inserido, levando-o a ligá-lo a sua classe social de origem.

O professor precisa compreender os princípios e os saberes que subsidiam sua prática docente, pois apropriando-se deles, irá modificando sua ação. Segundo Pimenta (1999), esses saberes se referem aos conhecimentos específicos ministrados em sala de aula, os saberes pedagógicos que são os voltados para desenvolver o processo de ensino e os saberes da experiência que são o conjunto de conhecimentos e situações advindas da sua prática. E sobre este último, Freire (1996, p.26) diz que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Hoje não se concebe um ensino que leve o aluno à alienação, através de posturas fechadas, acabadas, mas que o apresente à possibilidade de vislumbrar possíveis mudanças. E só através de mudanças ambos, professor e aluno, poderão construir novos saberes e novos caminhos que são indispensáveis à prática de um ensino e de uma aprendizagem conscientes e críticos aproximando cada vez mais a escola e a sociedade.

Assim, o ato de ensinar requer que o professor constantemente reflita criticamente sobre sua prática docente cotidiana, de maneira que resulte em um desejo de procurar capacitar-se sempre no seu processo de formação, com o propósito de atualizar os conhecimentos, descobrir novos procedimentos de ensino e acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade, já que a graduação não dá essa possibilidade de, em todas as disciplinas, fazer essa relação da teoria com a prática.

Ensinar, pois, implica no envolvimento cada vez maior com a prática docente, que deve se expandir além da sala de aula, oportunizando a que o aluno aprenda o que é necessário para perceber o que é ter uma vida digna. Além disso, é necessário o professor ter muita consideração pelos conhecimentos que os alunos trazem consigo como forma de que os novos conhecimentos tenham significado para eles.

Por fim, os saberes necessários à prática docente possibilitam o desempenho de um trabalho sério, comprometido com o avanço das mudanças que ocorrem na sociedade, em termos de a cada dia exigir pessoas ativas, críticas e sabedoras do que é ser cidadão. Ensinar é compartilhar com os alunos aqueles conhecimentos que servirão para ajudá-los a compreender o que o cerca, e poder usufruir do que lhe trará mais dignidade como ser humano. É a sala de aula o espaço favorável para que isso ocorra. Com sensibilidade e compromisso a ideias surgem, o desejo de realizá-las também, e as barreiras que por ventura apareçam, serão ultrapassadas pela satisfação em ver o resultado espelhado na aprendizagem.

### 2.2.1 As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos

O ensino ministrado em escola, abrange dois níveis: o da Educação Básica e o do Ensino Superior. O Ensino Fundamental de uma das etapas da Educação Básica. Tem duração de nove anos, sendo obrigatória a sua matrícula a todas as crianças na faixa etária de 6 a 14 anos. Não havendo a matrícula da criança nesta faixa etária, então serão responsabilizados, primeiro os pais ou responsáveis pela matrícula dos filhos, seguido do Estado pela garantia de vagas nas escolas públicas, e pela sociedade por fazer valer a própria obrigatoriedade.

Os princípios que norteiam as escolas, segundo o Art.6º da Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, deverão basear-se na ética, através de ações pedagógicas que envolvam justiça, solidariedade, liberdade e autonomia, basear-se também na política, com ações de reconhecimento de direitos e deveres de cidadania e, finalmente, na estética, com ações que envolvam o cultivo da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.

Viver na sociedade brasileira é fundamentar as práticas pedagógicas, a partir dos princípios estéticos da sensibilidade, que reconhece nuances e variações no comportamento humano. Assim como da criatividade, que estimula a curiosidade, o espírito inventivo, a disciplina para a pesquisa e o registro de experiências e descobertas. E, também, da diversidade de manifestações artísticas e culturais, reconhecendo a imensa riqueza da nação brasileira em seus modos próprios de ser, agir e expressar-se. Ao definir suas propostas pedagógicas, as escolas deverão explicitar o reconhecimento da identidade pessoal de alunos, professores e outros profissionais e a identidade de cada unidade escolar e de seus respectivos sistemas de ensino.

Os objetivos expressos na Resolução para o Ensino Fundamental, são: desenvolver a capacidade de aprender a ler, escrever e calcular; compreender o ambiente natural e social, o sistema político, as artes, a tecnologia e os valores em que se fundamenta a sociedade; adquirir conhecimentos e habilidades, assim como a formação de atitudes e valores como instrumentos para uma visão crítica do mundo; e, finalmente, fortalecer os vínculos de família, os laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Ao se fazer uma análise dessas Diretrizes, verifica-se que o entendimento de currículo diferencia-se do que costumeiramente se sabe: ele é constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados, e contribuindo para construir as identidades dos estudantes.

Outro aspecto que merece destaque, é a orientação para a formulação do projeto político-pedagógico (PPP) que deve traduzir a proposta educativa construída de acordo com as características dos alunos, por todos os profissionais, com os recursos disponíveis, tendo como referência as orientações curriculares nacionais e dos respectivos sistemas de ensino.

Mas, o que mais chama a atenção nessas Diretrizes, está no Art. 30 que diz que os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem garantir a alfabetização e o letramento, incluindo a aprendizagem da Língua Portuguesa, da Literatura, da Música e das demais artes, da Educação Física, da Matemática, da Ciência, da História e Geografia, tudo isso sem interrupção de um ano para outro. Pelo que foi observado nos estágios em salas de 3º e 4º anos é que os alunos nem sequer estavam alfabetizados efetivamente.

Portanto, reverter este quadro é um dos aspectos mais importantes no cumprimento dessas diretrizes. O Projeto Político-Pedagógico da escola deverá articulá-las ao que é proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelas Propostas no âmbito do sistema de ensino. Pesquisas existem indicando que

existe uma necessidade imperiosa de se considerar a relação entre o conhecimento, a linguagem e a afetividade como constituintes dos atos de ensinar e de aprender. Este foi outro aspecto não detectado nas observações.

Pode-se perceber que, grande parte do mau desempenho dos alunos, é devido aos problemas de uma formação inadequada dos professores. Os alunos do Curso de Pedagogia não são preparados para lidar com as questões práticas, como a dificuldade de aprendizagem que alguns alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental apresentam.

Por isso, ao planejar suas propostas pedagógicas, seja a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, seja a partir de outras propostas curriculares, os professores e equipes docentes, em cada escola, devem buscar as correlações entre os conteúdos das áreas de conhecimento e o universo de valores e modos de vida de seus alunos. Conhecendo-os de fato, serão inseridos nos temas trabalhados cotidianamente. Só assim, pode-se pensar em transformar modos de vida pelo conhecimento sistematizado.

### 2.2.2 O Currículo como instrumento de formação humana

A experiência adquirida durante as visitas às escolas permitiu uma visão diferente sobre o significado de currículo, que antes era percebido apenas como uma relação de conteúdo a ser ministrado em sala de aula. Esse conteúdo, no entanto, forma a pessoa possibilitando uma vida em sociedade. O conhecimento que se adquire através das informações adquiridas nas aulas faz o aluno estabelecer formas de pensamento muito diferentes das que ele constitui nas atividades do dia a dia. O professor ao saber disso, por que não usa meios para fazê-lo aprender com significado?

O ensino possibilita que o aluno desenvolva a função simbólica, que é a representação mental, por meio de símbolos, do que ele experiencia sensivelmente no real. Então, tudo o que se ensina na escola, quer seja

conteúdos de Português, Matemática etc., envolve a utilização da função simbólica e as atividades que promovem a formação dessa função vão depender do nível de desenvolvimento de cada aluno. Isso significa que a função simbólica é a chave para a aprendizagem, isto é, as atividades simbólicas apropriadas criam as condições internas para aprender aquilo que é ensinado e, assim, “quando os elementos do currículo não mobilizam adequadamente o exercício dessa função, a aprendizagem não se efetua” (LIMA, 2005, p. 27).

Aprender o que é ensinado resulta da articulação entre as possibilidades do desenvolvimento e as atividades que se efetivam através do que o professor propõe para o aluno. O conhecimento, então, é constituído por meio de mecanismos específicos que se modificam em função dos conteúdos aprendidos, de maneira que, para que esse conhecimento seja formado, é necessário que exista uma ligação entre aquilo que o aluno já sabe porque está retido na memória e o que ele vai aprender. Passa então a ideia de que o professor tem que ter estes dados em mãos: o que o aluno já sabe dentro e fora da escola? Em que o conteúdo vai servir para a sua vida? Em que nível de desenvolvimento ele se encontra? Entre outros dados.

Ter conhecimento sobre o desenvolvimento da criança abre a visão sobre a concepção de currículo. Ainda segundo Lima (2005), os currículos são, além de conteúdos e informações, as atividades humanas necessárias para que sejam formadas novas memórias como base para aquisição de novos conhecimentos e como base para compreender os problemas que surgem no dia a dia.

### 2.2.3 A relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento

Não se pode falar em desenvolvimento sem que se recorra à teoria sobre os estágios de desenvolvimento cognitivo, que dá subsídios aos professores na

hora em que ele está diante de uma turma e que necessita decidir sobre como irá abordar os conteúdos sistematizados atendendo às características dos alunos.

Os alunos que estavam nas salas em que as aulas foram observadas, encontravam-se na faixa etária de 8 a 14 anos de idade. Para um professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental, isso significa uma preocupação no planejamento das aulas, pois tendo como alvo fazê-los aprender, o modo de ação tem que ser adequado para tal.

A teoria cognitiva de Piaget (1976) exerce hoje relevante papel em todas as áreas da psicologia e, principalmente, nos campos aplicados da educação e da psicopedagogia. Abandonando a ideia de avaliar o nível de inteligência de um indivíduo por meio de suas respostas aos itens de determinados testes, Piaget adotou um método clínico através do qual procura acompanhar o processo do pensamento da criança para daí chegar ao conceito de inteligência como capacidade geral de adaptação do organismo.

Os conceitos fundamentais da sua teoria são: esquema ou estrutura, que é a unidade estrutural do desenvolvimento cognitivo; assimilação, processo pelo qual novos objetos são incorporados aos esquemas; acomodação, que ocorre quando novas experiências modificam esquemas; equilíbrio, resolução de tensão entre assimilação e acomodação; operação, rotina mental caracterizada por sua reversibilidade e que representa o elemento principal do processo do desenvolvimento cognitivo. O desenvolvimento cognitivo se dá em quatro períodos: o período sensório-motor, caracterizado pelas atividades reflexas; o período pré-operacional, em que a criança pode lidar simbolicamente com certos aspectos da realidade, mas seu pensamento ainda se caracteriza pela responsabilidade; o período das operações concretas, em que a criança adquire o esquema de conservação; e o período das operações formais, caracterizado pelo pensamento proposicional e que representa o ideal da evolução cognitiva do ser humano.

Os psicólogos do desenvolvimento humano são unânimes em estabelecerem fases, períodos, para determinar as várias etapas da vida do indivíduo. São assim circunscritas por apresentarem características e padrões de si mesmas semelhantes. Sucedem-se, naturalmente, uma a outra, desde o momento da concepção até à velhice.

Para atender aos objetivos do presente trabalho, será focalizado as primeiras fases de vida até à adolescência. Tomando por base a classificação dos estágios evolutivos, segundo Piaget, existem quatro períodos no desenvolvimento humano:

- Período sensório-motor: de 0 a 2 anos
- Período pré-operacional: de 2 a 7 anos
- Período das operações intelectuais concretas: 7 a 12 anos
- Período das operações intelectuais abstratas: dos 12 anos em diante.

As tarefas evolutivas do processo de desenvolvimento humano são, sobretudo:

- a) ter um corpo sadio, forte, resistente, desenvolvido;
- b) usá-lo como instrumento de expressão e de comunicação social, como meio de participar da vida social, de colaborar com os outros na responsabilidade de fazer sua vida e de melhorar sua qualidade e, enfim, uma base consistente sobre a qual a pessoa possa desenvolver o seu espírito;
- c) formar o intelecto até alcançar a etapa do pensamento abstrato, imprescindível para se compreender com mais profundidade e realidade humana;
- d) alcançar o equilíbrio emocional;
- e) a integração social;
- f) a consciência moral;

g) compreender o seu papel, em seu tempo, na comunidade em que vive e ter condições de assumi-lo, decisão e capacidade de realizá-lo.

Para iniciar o estudo das fases do desenvolvimento humano, é necessário que seja focalizado o período que antecede o nascimento, tão importante e decisivo que é para o desenvolvimento, anterior ao período pré-natal. A vida começa, a rigor, no momento em que as células germinais procedentes de seus pais se encontram. Modernamente, o desenvolvimento pré-natal tem sido focalizado sob três perspectivas, a saber: do ponto de vista dos fatores hereditários, da influência do ambiente durante a vida intrauterina, e do efeito das atitudes das pessoas que constituem o mundo significativo da criança.

Cada período é caracterizado pelo que de melhor o indivíduo consegue fazer nas faixas etárias citadas acima. Todos os indivíduos passam por todas essas fases ou períodos, nessa sequência, porém o início e o término de cada uma delas dependem das características biológicas do indivíduo e de fatores educacionais, sociais. Portanto, a divisão nessas faixas etárias é uma referência, e não uma norma rígida.

#### *Período sensório-motor - 0 a 2 anos*

Esse período diz respeito ao desenvolvimento do recém-nascido e do latente. É a fase em que predomina o desenvolvimento das percepções e dos movimentos. O desenvolvimento físico é acelerado, pois constitui-se no suporte para o aparecimento de novas habilidades. O desenvolvimento ósseo, muscular e neurológico permite a emergência e novos comportamentos, como sentar-se, engatinhar, andar, o que propiciará um domínio maior do ambiente.

Essa fase do processo é caracterizada por uma série de ajustamentos que o organismo tem de fazer, em função das demandas do meio. É evidente que o processo de adaptação do organismo não se limita a essa fase da vida, mas o que acontece ao indivíduo nessa fase é crucial na importância para todo o processo do desenvolvimento.

Nessa etapa inicial, o indivíduo se encontra na fase sensório-motora do seu desenvolvimento cognitivo. Essa fase compreende seis sub-fases, a saber: o uso dos reflexos, as reações circulares primárias e secundárias, reações circulares, terciárias, e a invenção de novos significados para as coisas através de combinações mentais. Apesar da importância dos aspectos biológicos do desenvolvimento humano nessa fase, os aspectos psicossociais dessa evolução são os de maior interesse para a psicologia do desenvolvimento.

Dentre os aspectos mais importantes do desenvolvimento psicossocial salientam-se os seguintes: a aquisição da linguagem articulada, cujo processo se completará no período pré-operacional, é que constitui elementos de fundamental importância para os outros aspectos do desenvolvimento humano; o desenvolvimento emocional, através do qual o indivíduo deixa de funcionar a nível puramente biológico e passa ao processo de socialização dos seus próprios atributos fisiológicos e a aquisição do senso moral, que permite ao indivíduo a formulação de um sistema de valores no qual, em muitas circunstâncias, as necessidades secundárias se tornam mais salientes e decisivas do que as próprias necessidades psicológicas ou primárias.

#### *Período pré-operacional - 2 a 7 anos*

É grande o interesse dos estudiosos sobre a fase da vida humana. Corresponde ao período pré-escolar, considerado a idade áurea da vida, pois é nesse período que o organismo se torna estruturalmente capacitado para o exercício de atividades psicológicas mais complexas, como o uso da linguagem articulada. Quase todas as teorias do desenvolvimento humano admitem que a idade de estudo é de fundamental importância na vida humana, por ser esse o período em que os fundamentos da personalidade do indivíduo lançados na fase anterior começam a tomar formas claras e definidas. Existe um enorme volume de trabalho científico sobre esse período, que em termos de pesquisa, em consequente formulação de teorias sobre esta fase do desenvolvimento. O período pré-operacional é caracterizado por consideráveis mudanças físicas, as quais são um desafio para os pais e educadores, como para as próprias

crianças. Os aspectos mais importantes do desenvolvimento psicosssexual da idade pré-operacional abrangem os seguintes pontos:

- a) a formação de um conceito do eu, facilitado pela aquisição da linguagem articulada;
- b) a definição da identidade sexual do indivíduo através da qual ele aprende a se comportar de acordo com as expectativas da sociedade;
- c) a aquisição de sua consciência moral que vai além da simples limitação do comportamento do mundo adulto e que é capaz de levar o indivíduo a se sentir culpado em face da violação das regras de conduta do seu meio social;
- d) o desenvolvimento dos padrões de agressão que resulta de vários fatores dentre os quais se salientam: a severa punição física, identificação com o agressor e a frustração;
- e) as motivações básicas do senso de competência e a necessidade de realização, ambas muito dependentes das condições do meio e da fundamental importância para o desenvolvimento adequado do ser humano.

#### *Período das operações concretas - 7 a 12 anos*

Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo o indivíduo se encontra, na idade escolar, no estágio das operações concretas.

Nesta fase da vida, o crescimento físico é mais lento do que em fases anteriores, as diferenças resultantes do fator sexo começam a se acentuar mais nitidamente.

O pensamento da criança nessa fase apresenta as características de reversibilidade e de associação que lhe permitem interpretar eventos independentemente do seu arranjo atual. Nesse estágio, entretanto, a criança ainda se limita, em termos cognitivos, ao seu mundo imediato e concretamente real.

*Período das operações formais – após os 12 anos*

Após os 12 anos, vem a fase da adolescência que é o período de grandes sonhos e aspirações, mesmo que não sejam sempre, realistas. De acordo com a teoria, nessa fase da vida a possibilidade é mais importante do que a realidade. Com o amadurecimento normal do ser humano é que ele vai aprendendo a discriminar entre o possível e o desejável. Na adolescência, como nas demais fases da vida, o indivíduo tem que cumprir tarefas evolutivas.

Do ponto de vista cognitivo, o adolescente está no estágio das operações formais. O amadurecimento biológico do adolescente torna possível a aquisição das operações formais, que representam o ponto máximo do processo do desenvolvimento cognitivo. As operações formais, entretanto, não são um dado a priori, mas dependem da interação do organismo com o meio. A aquisição das operações formais é de fundamental importância, especialmente em face do enorme progresso das ciências naturais em nosso século. Elas são, também, necessárias a todo o processo de ajustamento social do adolescente.

As turmas observadas tinham alunos com idades que variavam de 8 a 14 anos. De acordo com a teoria, as crianças com idades de 7 a 11 anos estão no estágio das operações concretas, que se caracteriza por um tipo de pensamento que demonstra já possuir uma organização assimilativa rica e integrada, funcionando em equilíbrio com um mecanismo de acomodação.

É nessa fase que os alunos já estão preparados para realizar uma operação que envolva a lógica da adição, subtração, multiplicação, divisão, assim como correspondência de termos, classificação, operações envolvendo quantidade, tempo, espaço. Os alunos de 12 anos em diante, estão no estágio das operações formais, pois são capazes de resolver problemas a respeito de todas as relações possíveis entre eventos. Assim, eles já são capazes de pensar em termos abstratos, de formular hipóteses e até de testá-las. Diante dessa realidade teórica, como entender o fato da criança e do adolescente estarem prontos para aprender e a aprendizagem não acontecer? O que está faltando?

## 2.3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A PRÁTICA DOCENTE

Para iniciar a discussão sobre a formação do professor, é importante definir quem ele é. O pedagogo, para Libâneo (1999, p. 44),

é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente, ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista os objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica.

Já o Dicionário Houaiss virtual, define que a palavra professor provém do latim *professore*, é “aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina; mestre” (2003). O professor é aquele profissional que têm a capacidade, a facilidade, o domínio de conteúdos específicos e de conteúdos que o faça compreender o seu verdadeiro papel, que é fazer os alunos desenvolverem suas capacidades tornando-os indivíduos que consigam viver harmoniosamente com seus pares e com os demais. Um profissional que deve ser hábil para assimilar as mudanças impostas pela sociedade e transmiti-las a seus alunos. Em decorrência das mudanças rápidas do mundo atual, há dificuldade de assimilar essa rapidez que ocasiona conflito na atuação e nas práticas docentes. Para Freitas (2004, p. 91),

Ser professor é embrenhar-se em uma luta pela formação que se insere na crise educacional brasileira parte de uma problemática mais ampla, expressão das condições econômicas, políticas e sociais de uma sociedade profundamente desigual, excludente e injusta que coloca toda uma população em uma situação de desemprego, exploração e miséria.

Ainda segundo o autor, no campo das políticas educacionais, estas questões referentes à formação do professor, desenvolvimento profissional e valorização dos trabalhadores em educação (tanto professores quanto

funcionários), sempre estiveram de alguma forma presentes, na tentativa de se construir uma educação pública de qualidade.

Como prioridade, o Plano Nacional da Educação (BRASIL, PNE, 2001, P. 6) preconiza que

Particular atenção deverá ser dada à formação inicial e continuada, em especial dos professores. Faz parte dessa valorização a garantia das condições adequadas de trabalho, entre elas o tempo para estudo e preparação das aulas, salário digno, com piso salarial e carreira de magistério.

Quando se presencia a atuação dos professores em exercício nas escolas que serviram de campo de estágio, percebe-se o quanto é necessário se investir, além da formação inicial, na formação continuada, dada a necessidade e as exigências impostas naturalmente pela evolução da sociedade. Os sistemas de ensino como um todo e unidos ao Poder Público vêm discutindo e formulando propostas de aplicação na melhoria e na qualidade do ensino, além de garantir que a cobertura e a eficiência garantam a permanência dos alunos na escola.

Gatti (2008, p. 58) alerta que a assimilação dessa necessidade constante em aperfeiçoar-se, decorre da “abrangência de muitas iniciativas que, na verdade e na grande maioria dos casos servem para suprir uma formação precária pré-serviço e nem sempre são propriamente de aprofundamento ou ampliação de conhecimentos”. A autora não exime a culpa das instituições superiores em oferecer cursos precários, mas chama a atenção para a questão de que a educação tornou-se nos últimos anos um mercado promissor desinteressado na qualidade da formação, com objetivo do lucro desmedido, situação que provoca certo descontrole na vigilância por parte do Ministério da Educação que garante na LDB 9394/96 (BRASIL, LDB, 1996) em seu:

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III - piso salarial profissional;

IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho.

Tendo em vista que a função do professor é algo estritamente importante no processo educativo, o profissional da educação acaba sendo incluído no quadro das diferenças socioeconômicas; unindo-se ao fato de haver ainda no país crianças fora da escola e que abrem margem ao descaso que as inserem na totalidade das diferenças a começar pela exclusão social, contribuinte principal do fracasso escolar, do abandono da fase escolar e dos índices de analfabetismo acompanhados das causas que os antecede.

Freire (1996, p.22) comenta que “ser professor educador nos dias atuais é ser um pesquisador, capaz de intervir no mundo enquanto ser histórico”. Partir do conhecimento que o aluno já possui aliado ao seu próprio conhecimento de professor, faz o aprendizado mudar o dia a dia e complementar o conhecimento que já se sabe. Os problemas do cotidiano escolar podem ser o ponto de partida para uma formação continuada voltada especificamente à diversidade da sala de aula.

O desafio em ser professor é perceber que transmitir o conhecimento não pode ser desprezado pelos choques de interesses de alguns, mas que as trocas com a comunidade e seus pares, possibilitam crescimento intelectual, permitindo agir intensamente e com consciência numa era de incertezas, porque constroem o sentido para a vida, permitem a construção de uma educação atuante e que respeite tantas diversidades. O professor tem o papel fundamental de auxiliar na implementação da proposta pedagógica da escola, no sentido de mediar situações que ele domine por ter um conhecimento profundo de quem são seus alunos.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este tópico refere-se ao resultado obtido durante os dois períodos de estágio, os quais foram realizados na Escola de Ensino Fundamental e Médio Maria de Fátima Souto, no Bairro de Mangabeira I, na cidade de João Pessoa. Normalmente, a estrutura física se apresentava com um estado de conservação regular, com ambientes apropriados para o funcionamento da parte administrativa da escola, possuindo salas de aula compatíveis com o número de alunos matriculados, uma sala de Informática, uma de Vídeo, uma Sala de Professores, uma Biblioteca, bebedouros, cantina, quadra para as aulas de Educação Física e banheiros. A merenda escolar era fornecida todos os dias.

As salas de aula se apresentavam bem organizadas, amplas, limpas, eram claras, possuindo ventiladores. Tinham janelas em cada sala, nas paredes estavam afixados os trabalhos dos alunos, possui um armário onde são guardados os materiais didáticos, e as carteiras são de braço, também chamadas de “carteiras universitárias”. Além da quadra, o jardim também serve de espaço para as brincadeiras na hora do recreio.

O espaço escolar é um espaço público onde os alunos passam grande parte do seu tempo interagindo com professores, funcionários e colegas. Daí ser importante a organização desse espaço, pois o trabalho educativo não se restringe apenas à classe, mas a tudo que a cerca, de maneira a que ele influencie positivamente na aprendizagem do aluno. De que adianta um espaço amplo, bonito, bem cuidado, se o aluno não se sente bem, não se sente acolhido e nem o reconhece como um lugar que lhe pertence?

Outro aspecto importante é que, a partir da escola, pode-se realizar um trabalho de conscientização, fazendo ações onde apareçam os riscos e os danos que os alunos estão expostos se não cuidarem das questões relacionadas com o meio ambiente e o que se pode fazer para preservá-lo.

Tudo isto só tem significado se o aluno despertar para cuidar de um pequeno espaço, o espaço da sala de aula, como resultado de leitura de pequenos textos carregados de significado para ele. E não é difícil para o professor organizar a aula de qualquer área de conhecimento, com exemplos práticos da vida dos alunos.

Portanto, com os estágios realizados, pode-se perceber que apenas estudar teoria sem buscar compreendê-la, nada significa. Passar quatro anos ou mais fazendo um curso de licenciatura sem refletir sobre o que foi aprendido, sem aplicar alguma teoria discutida com os professores, nada acrescenta ao que já se sabe.

O Estágio Supervisionado é um momento muito importante na vida de um aluno do Curso de Pedagogia, porque é quando há oportunidade de ver o que acontece de fato na escola. Há muito estudo e discussão de textos nas aulas, mas pouca compreensão da sua aplicabilidade na prática. Ao realizar a entrevista com uma das professoras, das salas de aula escolhidas para realizar a observação e depois praticar uma regência em duas aulas das áreas de estudo diferentes a critério das professoras, a primeira informação recebida foi que ela já exercia a profissão de professora, há 27 anos. Isto significa que ela já tem uma prática docente cristalizada, isto é, ela faz todos os dias a mesma coisa e isto concorre para a resistência de uma provável mudança, no sentido de usar procedimentos metodológicos que façam os alunos aprenderem de forma efetiva.

Observando, as aulas ministradas pelas professoras durante o período de estágio, era notório que elas não incentivavam os alunos com alguma atividade criativa, não usavam os materiais didáticos disponibilizados pela escola. Sendo assim, a ação dos alunos se restringia em copiar o que era colocado no quadro, sem explicações contundentes prévias, nem explicações depois da chamada "atividade". Eles ficavam perguntando o porquê de tudo aquilo que eles copiavam, mas na ocasião, não se aproveitava a curiosidade nata de toda criança para tornar compreensivo aquilo que estava sendo ensinado.

Segundo Freire (1996, p.118),

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo.

É certo que ao serem entrevistadas, as professoras afirmaram que se preocupavam com a aprendizagem dos alunos, mas ficava muito evidenciado que sua prática seguia uma rotina invariável: cópia de atividades cujos conteúdos não eram preliminarmente aprendidos, dificultando as respostas que deveriam ser colocadas nos espaços determinados por elas. O autor acima diz que ensinar implica em produzir conhecimento e não, em transferir conhecimento. Assim sendo, quem ensina tem que ter esse olhar mais aberto diante das possibilidades do aluno encontrar o caminho da aplicação do que aprendeu, sem ser por meio da repetição do que ele ouviu do professor. Essa postura era a que se esperava dele, professor, anos atrás. Hoje, o que mais ele precisa é de um engajamento profissional que o leve a proporcionar possibilidades amplas de alguém aprender num mundo de desafios cada vez maiores, principalmente competindo em desvantagem, diga-se de passagem, com os celulares, tablets etc.

Quando o professor não usa adequadamente procedimentos de ensino coerentes com as necessidades dos alunos, pode contribuir para a não-aprendizagem e, como consequência, a desmotivação, a baixa autoestima, a indisciplina em sala de aula, gerando um sentimento de inferioridade, principalmente se eles provêm de lares com dificuldades de resolver seus problemas financeiros e de relacionamento.

Estamos vivendo um momento de muitas práticas equivocadas no sentido de aprovar os alunos mesmo que eles ainda não aprenderam o que deveria. Quando o professor tem algum aluno com alguma deficiência, a complexidade do seu trabalho cresce enormemente, porque o Curso de Pedagogia não prepara o graduando para conviver com essa situação. É um curso de quatro

anos e meio que oferece uma disciplina de um semestre apenas que tem conteúdo específico: “Educação Especial”.

Ensinar pressupõe aprender. Diz Freire (1996, p. 23)

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar.

O ensino pode tomar dois rumos: o da mera transmissão ou o da construção. O autor chama ao primeiro de um ensino bancário que impede o aluno de construir, de produzir conhecimento. E o segundo de um ensino problematizador, que vai além da repetição, da memorização.

Para a realização deste trabalho, foram coletados dados nas escolas-campo alvos das visitas durante a permanência como estagiária da disciplina de Estágio Supervisionado com procedimentos face a face, e instrumentos como a observação e a entrevista.

A observação que é um procedimento muito usual nas metodologias qualitativas, promoveu uma investigação sem muito aparato metodológico, mas através de uma maior interação com os professores e os alunos observados, o conhecimento sobre a escolarização e os processos de ensinar e aprender no âmbito da sala de aula, puderam elucidar o que acontecia no âmbito do processo de ensino e de aprendizagem.

A entrevista aconteceu na escola-campo, ambiente de trabalho das professoras, no momento da observação das atividades desenvolvidas por elas. Tudo foi devidamente anotado para subsidiar a análise e a interpretação que foi feita posteriormente. Fez-se uma entrevista semiestruturada, com questões fechadas e abertas.

Ao se perguntar às professoras se todos os alunos da sala já estavam alfabetizados, parece até um contrassenso, pois não haveriam de estar? A

idade apropriada para tal, não é de 6, 7 e, ainda, 8 anos de idade? Então, como não estar alfabetizado, pelo menos no 4º ano e na faixa etária de 9 a 14 anos de idade?

Uma das características do professor comprometido com um ensino que gere aprendizagem, é a busca permanente pela apropriação de conhecimentos que o levem a intervir com sucesso. Ainda mais, nas turmas em foco, a idade dos alunos variando entre 8 a 14 anos, exige que o profissional esteja a par da realidade dos seus alunos. Aliás, a professora do 2º ano era quem deveria ter se preocupado em detectar quais alunos não estavam alfabetizados e, criativamente, encontrar o caminho para quebrar as barreiras que impedem o aprendizado, pois, no dizer de Freire (2011, p. 26) [...] “inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado” [...].

O professor que tem uma postura democrática, precisa trabalhar para que os alunos se aproximem o máximo daquilo que vão aprender, de maneira que eles se sintam sujeitos da construção do saber que está sendo ensinado. E o professor não deve se restringir a ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo, através de momentos que exijam uma compreensão para aplicação do que está sendo estudado.

Os alunos são seres curiosos por natureza e isto deve ser canalizado para a busca de esclarecimento, pois é através dela, da curiosidade, que surge a criatividade para acrescentar algo que já existe.

Ao se perguntar sobre os materiais didáticos disponíveis, entre eles foram citados jogos didáticos e sala de informática. Aqui pode-se perguntar: o que a professora faz nesse ambiente? Como serão suas aulas na sala de informática? Sabe-se que a maioria das escolas que possui esse ambiente tão atrativo para os alunos, não a utiliza como deveria, pois a sala está sempre fechada e quando ela é utilizada, vai depender de uma pessoa responsável para ligar e desligar os computadores. Também, o que se sabe é que muitas vezes os alunos ficam livres para ficar jogando.

Para dar uma aula usando os recursos de informática, é necessário um planejamento adequado, com a finalidade não só de atrair a atenção do aluno, mas fazê-lo aprender. O professor vai escolher uma ou mais áreas de conhecimento que possibilite a interdisciplinaridade entre elas, depois vai decidir por onde começar a preparar os alunos para aquela aula, vai elaborar um ou dois objetivos específicos os quais deverão ser do conhecimento deles e, por fim, elaborar uma atividade avaliativa para que os alunos percebam a seriedade da aula.

Portanto, entende-se que o ato de ensinar é um ato desafiador que requer do professor que ele exerça a profissão com o rigor que ela exige. Fazer o aluno aprender é o maior objetivo daquele que não perde de vista o foco do seu trabalho. Encarar a sala de aula como um laboratório, é o primeiro passo para uma atuação com resultados positivos: quem são os alunos, o que pensam, o que querem, como tornar os conteúdos próximos de cada um deles, como tornar as aulas interessantes, quais dinâmicas usar para quebrar certas barreiras dentro da sala, como avaliá-los continuamente e, por fim, para fechar o ciclo desse contexto, fazer uma reflexão sobre a prática exercida: o que tem a ver o conteúdo da aula com a vida dos alunos; como as aulas estão sendo ministradas; que recursos estão sendo utilizados para que os alunos compreendam o que está sendo ensinado e, em consequência, aprendam pela expectativa de uso na prática cotidiana.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente trabalho, percebe-se o quanto ele foi importante para a compreensão do que é ser professor, do que é ensinar e do que é aprender, assim como o compromisso que deve ter esse profissional ao exercer o seu ofício. O que foi vivenciado na escola que foi alvo dos períodos de estágio, trouxe para o estagiário uma vivência da teoria quando houve oportunidade de estar presente na instituição com o objetivo de fazer um estudo dos ambientes, conhecer o dia a dia de cada um deles, manter contato com os professores efetivos e os contratados, observar as aulas, interagir com os alunos e, culminando esse período, ministrar duas aulas em cada uma das salas.

Uma vez aplicados os instrumentos de coletados dados, quais sejam, a observação e a entrevista, que foram analisados com bases nas discussões de algumas disciplinas do Curso, chegou-se a algumas conclusões: a primeira delas, é que muita coisa necessita melhorar, a começar pelas abordagens dadas nas disciplinas cursadas ao longo do Curso de Pedagogia, levando as discussões teóricas para a sua contextualização na prática; a segunda, é a necessidade que há de se discutir e propor uma reestruturação das disciplinas de Estágio Supervisionado, notadamente no que se refere ao número de horas que o estagiário tem que cumprir na escola; e a terceira, criar um maior vínculo entre a Universidade e as escolas credenciadas para receberem estagiários, a fim de que se estabeleça um meio de renovação das práticas rotineiras utilizadas em sala de aula.

Diante de toda a experiência vivenciada nos estágios, pode-se afirmar, com segurança, que qualquer aluno do Curso de Pedagogia, que tenha desempenhado, bem ou mal, o seu papel de estagiário, poderá tomar consciência do tamanho da responsabilidade que é a de ser professor, enquanto participante de um processo determinante na formação de um ser que

levará para a vida, tudo aquilo que foi vivenciado na longa convivência diária de um ano letivo.

As falas e os procedimentos usados nas salas de aula das professoras investigadas, revelaram que, ensinar e aprender são questões complexas, que exigem a participação da família e dos outros profissionais que compõem o corpo administrativo e pedagógico da escola, adotando medidas consistentes como reuniões e momentos de reflexão sobre o que está acontecendo com a educação, para encontrar o caminho do sucesso escolar que, em consequência, levará ao sucesso para o resto da vida.

Por fim, o que aconteceu durante as aulas das disciplinas responsáveis pelo estágio, o empenho dos professores em orientar a postura do estagiário enquanto observador do que passava-se em sala de aula, a disponibilidade das portas abertas da escola que serviu de campo para a observação e coleta de dados, a colaboração das professoras regentes ao permitir que o espaço fosse ocupado por aluno da Universidade, os alunos das salas de aula que colaboraram para a concretização das observações, a princípio, e depois para a ministração das aulas, propriamente ditas, tudo isso concorreu para o reconhecimento do quanto foi importante o momento da vivência prática, ocasião em que houve o encontro das teorias estudadas ao longo do curso e a compreensão do desafio de ensinar e aprender nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

\_\_\_\_\_ *Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

\_\_\_\_\_ *Lei nº 11.274, de 20 de dez. de 2006*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 abr. 2014. /CEB 7/2010. Diário Oficial da União, Brasília, 15 dez. 2010. Disponível

\_\_\_\_\_ *Resolução CNE* em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

\_\_\_\_\_ *Plano Nacional de Educação: Lei 10.172, de 09 de Janeiro de 2001*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

BURIOLLA, Marta A. F. *O Estágio Supervisionado*. São Paulo; Cortez, 2008.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Novas políticas de formação: da concepção negada à concepção consentida. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. (Org.). *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 89-115.

GATTI, Bernadete A. Análise das políticas públicas para a formação continuada no Brasil, na última década. *Revista Brasileira de Educação*, v.13 n.37, jan./abr.2008. Fundação Carlos Chagas, p.57-70.

LIBÂNEO. José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5.ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

LIMA, Elvira Souza. *Currículo, cultura e desenvolvimento*, São Paulo: Editora Sobradinho107, 2005.

PIAGET, J. *A equilibração das estruturas coletivas: problema central do desenvolvimento*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. 1976.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_ ; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 21ª ed. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1989.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações*, 5ª ed. São Paulo, Autores Associados, 1995.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_ "Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar". *In*: Vigotski, Luria e Editora e Edusp, 1988, pp. 103-117.

# APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Cara Professora,

Tendo em vista a realização do Estágio Supervisionado na sua sala de aula, gostaria que o presente questionário fosse respondido, pois faz parte da minha pesquisa de conclusão do Curso de Pedagogia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Isolda Ayres Viana Ramos.

Agradeço pela colaboração.

Maria das Graças Leal Freire

Qual é sua titulação? \_\_\_\_\_

Você participa de cursos de formação continuada? \_\_\_\_\_

Há quantos anos você ensina nessa escola? \_\_\_\_\_

E nesse ano escolar? \_\_\_\_\_

Qual é a faixa de idade dos alunos? \_\_\_\_\_

Todos os alunos já estão alfabetizados? \_\_\_\_\_

O que faz quando tem um aluno que ainda não está? \_\_\_\_\_

Qual sua maior dificuldade em relação à turma? \_\_\_\_\_

A escola disponibiliza recursos materiais para você? \_\_\_\_\_

Quais? \_\_\_\_\_